



**ESCOLA SUPERIOR AGRÁRIA**  
INSTITUTO POLITÉCNICO DE CASTELO BRANCO

ENSAIO COMPARATIVO DE PRO\_  
DUÇÃO DE DUAS CULTIVARES  
DE MELÃO (CUCUMIS MELO L.)  
EFECTUADO SOB ABRIGO NA  
REGIÃO DE CASTELO BRANCO

PRODUÇÃO AGRÍCOLA  
Relatório do Trabalho de Fim de Curso

*MARIA JOÃO RAMOS RODRIGUES*

CASTELO BRANCO

1987

## ÍNDICE

1. INTRODUÇÃO -----	1
1.1. A HORTICULTURA PROTEGIDA NO MUNDO -----	1
1.2. A HORTICULTURA PROTEGIDA EM PORTUGAL -----	2
1.3. A SITUAÇÃO DA CULTURA DO MELÃO EM PORTUGAL -----	5
1.3.1. IMPORTÂNCIA ECONÓMICA -----	6
1.3.1.1. Produções e mercados nacionais -----	6
1.3.1.2. Mercados internacionais -----	7
2. O MELOEIRO -----	8
2.1. ORIGEM E EXPANSÃO DA ESPÉCIE -----	8
2.2. CARACTERÍSTICAS BOTÂNICAS -----	8
2.2.1. Características gerais -----	8
2.2.2. O sistema radicular -----	9
2.2.3. O caule -----	9
2.2.4. As folhas -----	9
2.2.5. As flores -----	10
2.2.6. Fecundação e polinização -----	12
2.2.6.1. As abelhas -----	13
2.2.7. O fruto -----	15
2.2.8. As sementes -----	18
2.2.9. Fases de desenvolvimento do meloeiro -----	19
2.2.9.1. Fase adequada para a colheita -----	20
2.2.10. Cultivares -----	21
2.3. CONDUÇÃO DA PLANTA -----	22
2.3.1. Generalidades -----	22
2.3.2. Fertilização orgânica -----	24
2.3.3. Fertilização mineral -----	25
2.3.4. A rega -----	26
2.3.5. A poda -----	26



2.4. EXIGÊNCIAS EDAFOCLIMÁTICAS -----	29
2.4.1. SOLO -----	29
2.4.2. CLIMA -----	31
2.4.2.1. Temperatura -----	31
2.4.2.2. Humidade -----	34
2.4.2.3. Luminosidade -----	34
3. OBJECTIVO DO ENSAIO -----	35
4. MATERIAL E MÉTODOS -----	36
4.1. LOCALIZAÇÃO DO ENSAIO -----	36
4.1.1. Características gerais dos abrigos -----	36
4.2. CULTIVARES UTILIZADAS NO ENSAIO -----	38
4.3. DELINEAMENTO EXPERIMENTAL DO ENSAIO -----	39
5. A CULTURA DO MELOEIRO -----	41
5.1. PREPARAÇÃO DA PLANTA -----	41
5.1.1. SEMENTEIRA -----	41
5.1.2. TABULEIROS COM AREIA -----	41
5.1.3. REPICAGEM -----	42
5.2. PREPARAÇÃO DO SOLO -----	45
5.2.1. LAVOURA -----	45
5.2.2. FERTILIZAÇÃO ORGÂNICA -----	45
5.2.3. ADUBAÇÃO DE FUNDO -----	45
5.2.4. ARMAÇÃO DO TERRENO -----	46
5.3. TRANSPLANTAÇÃO -----	47
5.4. SACHAS -----	51
5.5. TUTORAGEM -----	51
5.6. PODA -----	51

5.7. TRATAMENTOS FITOSSANITÁRIOS -----	53
5.8. ADUBAÇÃO DE MANUTENÇÃO -----	54
5.9. REGAS -----	54
5.10. COLHEITAS -----	54
6. CARACTERIZAÇÃO CLIMÁTICA -----	57
7. OBSERVAÇÕES E RESULTADOS -----	61
7.1. EMERGÊNCIA -----	61
7.2. PRODUÇÃO DE PLANTAS -----	61
7.3. FLORAÇÃO -----	64
7.4. VINGAMENTO -----	64
7.5. DOENÇAS E PRAGAS-----	66
7.6. PRODUÇÕES -----	66
7.7. APRECIÇÃO DAS CULTIVARES QUANTO À PRODUÇÃO -----	71
7.8. COMPORTAMENTO DAS CULTIVARES ENSAIADAS -----	74
CONCLUSÕES FINAIS -----	84
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS -----	86

#### ANEXOS

- I - Registo de produção por planta
- II - Registo de produção por cultivar
- III - Quadros de dados meteorológicos
- IV - Análise de solo



# 1. I N T R O D U Ç Ã O

## 1.1. A HORTICULTURA PROTEGIDA NO MUNDO

A agricultura surgiu na Pré-História, quando o Homem deixou de ser nômada e passou a ser sedentário. Foi no período Neolítico, há cerca de 7.000 a 10.000 anos que se produziram os primeiros alimentos. Diz-nos a História que no Egito já se faziam culturas de plantas hortícolas, tais como: chicória; alface, alho, melão, etc. Na Grécia, Theophrastus escreveu vários tratados entre os quais um de Horticultura. Os Romanos possuíam uma tecnologia hortícola avançada, usando já muitos frutos e vegetais, praticando rotações e até armazenamento pelo frio. Há referências de usarem mesmo um protótipo de estufa feita de mica (JANICK, 1979).

Até aos nossos dias os processos hortícolas evoluíram bastante, quer no séc. XVIII com o aparecimento da ciência, quando foi possível haver um renascer dos estudos botânicos, quer no séc. XX com o desenvolvimento da tecnologia, sendo então possível aumentar a produção e a qualidade.

A Horticultura tem por objectivo a produção de um conjunto de produtos, vulgarmente conhecidos por produtos hortícolas (hortaliças), quer para consumo em natureza (frescos) ou destinados à indústria, que os apresenta enlatados, desidratados, congelados ou liofilizados (VELOSO et al, s/data).

Com a evolução crescente da sociedade no sentido de uma alimentação mais racional e de uma melhor qualidade de vida, este sector produtivo torna-se alvo de um grande número de exigências, pois o consumidor, a nível mundial, está a exigir cada vez mais legumes e saladas frescas, mesmo fora da época tradicional de produção.

Últimamente tem-se intensificado a horticultura protegida que vai da simples paillage aos túneis baixos e aos abrigos altos, apresentando modalidades intermédias (VELOSO et al, s/data).

As técnicas que mais evoluíram foram as de forçagem e semi-forçagem, como aproveitamento das condições naturais, recorrendo a meios artificiais que proporcionam o ambiente julgado indispensável para a produção desejada (SEMEDO, 1969).

## 1.2. A HORTICULTURA PROTEGIDA EM PORTUGAL

Portugal é, pela sua situação geográfica, um país privilegiado para as culturas sob abrigos. O nosso clima permite a produção de primores de primeira qualidade, com recurso a técnicas de forçagem e semi-forçagem (TEIXEIRA, 1984).

Na realidade verifica-se que o clima português, apresenta factores contrastantes e três marcadas influências: a atlântica, a mediterrânica e a continental. Existem assim grandes irregularidades climáticas, pelo que a horticultura encontra-se em Portugal um pouco por todo o lado, mas, salvo em pequenas zonas litorais norteñas onde se pratica com certo êxito a cultura de primores, é sobretudo a partir do centro e em direcção ao sul do País, onde se faz sentir uma influência climática mediterrânica, que a horticultura intensiva de primores terá promissor desenvolvimento, desde que auxiliada por técnicas apropriadas (SEMEDO, 1978).

Tendo em conta o nosso clima podemos dizer que as perspectivas para este sector são boas, embora limitadas pelos mercados consumidores e pela concorrência internacional (VELOSO et al, s/data).

No campo da concorrência, as nossas potencialidades comparadas com as dos países do Centro e do Norte da Europa, permitem-nos produzir hortícolas na época mais desfavorável (Outubro a Março).